

MAGALHÃES, Malu. *Ninfomaníaca, eu? A história de uma mulher que amou demais*. Edição independente, 1ª edição, Rio de Janeiro, 10 de abril de 2022.

NINFOMANÍACA, EU?

A HISTÓRIA DE UMA MULHER QUE AMOU DEMAIS



Sumário

CAPÍTULO 1	5
NINFOMANÍACA, EU?	5
CAPÍTULO 2	8
O DEFEITO FÍSICO	8
CAPÍTULO 3	12
A ENTREGA	12
CAPÍTULO 4	14
A TRANSFORMAÇÃO	14
CAPÍTULO 5	16
A INVEJA DO PÊNIS	16
CAPÍTULO 6	19
BRINCANDO DE CASINHA	19
CAPÍTULO 7	22
COBIÇADA PELOS HOMENS, DETESTADA PELAS MULHERES	22
CAPÍTULO 8	26
O ALFABETO INTEIRO	26
CAPÍTULO 9	29
O PRIMEIRO AMOR	29
CAPÍTULO 10	31
O GUARDIÃO DA MINHA VIRGINDADE	31
CAPÍTULO 11	34
O PRIMEIRO NAMORADO	34
CAPÍTULO 12	38
A VIDA DO CORPO	38
CAPÍTULO 13	41
A CAPACIDADE DE AMAR	41
CAPÍTULO 14	44
SODOMIZADA COM CARINHO	44
CAPÍTULO 15	48
SEDUZIDA E ABANDONADA	48
CAPÍTULO 16	53
UMA ESPIRAL DE HOMENS COMEÇA COM O PRIMEIRO	53

CAPÍTULO 17	56
MANOEL, O EMPRESÁRIO FALIDO DEVEDOR DE 12 MILHÕES.....	56
CAPÍTULO 18	59
SAMUEL, POLICIAL DO BOPE COM 19 CENTÍMETROS	59
CAPÍTULO 19	61
JOÃO, O PAI E AVÔ DEPRAVADO.....	61
CAPÍTULO 20	63
FERNANDO, O NAMORADO QUE HUMILHAVA COM AS COMPARAÇÕES	63
CAPÍTULO 21	66
MARCELO, O QUE NÃO GOSTAVA DE MIM.....	66
CAPÍTULO 22	70
PABLO E A DEPRAVAÇÃO	70
CAPÍTULO 23	72
NO SWING COM PABLO	72
CAPÍTULO 24	75
TROCA DE CASAS NA VOGUE TERMINA COM PORRADA.....	75
CAPÍTULO 25	78
WILSON, O NAMORADO QUE QUERIA FICAR COMIGO ATÉ A MORTE	78
CAPÍTULO 26	80
EU, WILSON E A AMANTE NO MESMO BARCO (LITERALMENTE)	80
CAPÍTULO 27	82
CAI A MÁSCARA (E A CUECA) DE WILSON.....	82
CAPÍTULO 28	84
RONALDO E A DIFICULDADE DE GOZAR.....	84
CAPÍTULO 29	87
O BISSEXUAL MIGUEL.....	87
CAPÍTULO 30	90
TENTATIVA DE ESTUPRO POR PARTE DE MIGUEL.....	90
CAPÍTULO 31	93
ANDRÉ DA GAITA, E O ASSALTO MAL EXPLICADO	93
CAPÍTULO 32	95
NO RITMO DA VIOLÊNCIA	95
CAPÍTULO 33	99
NINFOMANÍACAS FAMOSAS	99

CAPÍTULO 34	105
NÃO SOU NINFOMANÍACA, CONCLUÍ	105
CAPÍTULO 35	107
BIBLIOGRAFIA.....	107
CAPÍTULO 36	108
POST SCRIPTUM	108

CAPÍTULO 1

NINFOMANÍACA, EU?

No início, eu nem gostava de ouvir essa palavra. Ninfomaníaca. Parecia até um palavrão. Aliás, pior que um palavrão, pois quase não era ouvida. E quando era, as pessoas evitavam o assunto ou desconversavam. Ser ninfomaníaca era praticamente uma aberração, como um hermafrodita ou transexual. E na sociedade machista, ninfomaníaca equivalia a ser doente. Sim, pois o homem que gosta de sexo é chamado de mulherengo ou, no máximo, tarado e perverso. Ou alguém já viu um homem cheio de amantes ser considerado patológico? Raramente.

Até no dicionário. Os sinônimos para ninfomania são muitos: andromania, histeromania, metromania, uteronamia e o popular “furor uterino”. Verbetes extraídos do dicionário Aurélio, é bom registrar. Que reflete, em todas as suas letras, a preocupação com que a sociedade lida com a mulher “hipersexualizada”. Já para o homem “hipersexualizado” encontramos apenas dois verbetes: satiríase e ginecomania. Convenhamos, poucos comparados com os cinco sinônimos da ninfomania.

O termo ninfomaníaca, portanto, é carregado de conotação pejorativa. A mulher não pode ter prazer na sociedade machista, seja ela ocidental ou oriental. O corpo dela é propriedade do macho, e ponto final. Para o bem e o mal, para o prazer e a reprodução, o feminino é posse e propriedade do macho e ai de quem desafiar a norma.

Principalmente as mulheres que gostam de sexo e desejam se satisfazer sexualmente. Os animais têm esse direito, tanto machos quanto fêmeas. Na natureza, as fêmeas de macacos, pavões, cavalos, leões, girafas têm vários parceiros. E garanto que são muito mais felizes que nós, pobres fêmeas humanas. Não são rotuladas de ninfomaníacas, como as que ousam lutar pelo direito ao próprio corpo e ao próprio prazer.

Na verdade, ninguém chegou a me chamar de ninfomaníaca, com todas as letras. Apenas insinuavam, mas eu me fazia de desentendida. Afinal, não era mesmo de me abrir para os outros em relação a minha vida sexual. Aliás, abrir mesmo eu abria as pernas. E a boca, os olhos e os ouvidos. Mas, também, principalmente, o coração.

O interessante é que, volta e meia, eu ouvia comentários sobre o meu jeito de ser. Era a minha mãe me chamando de namoradeira. Era o meu irmão me chamando de piranha. Já adulta, outras pessoas sorriam maliciosamente quando se referiam ao meu estilo de vida. Os próprios namorados, alguns, não todos, recriminavam meu apetite insaciável. Um deles, Wilson, uma vez me disse, ainda na cama:

De novo? Nossa, você parece uma menina de 14 anos. Assim não aguento!

Um namorado americano que arrumei, em visita ao Brasil durante a Copa do Mundo de 2014, me disse algo com que concordei plenamente:

- You are a very special person. A very given person, as a matter of fact. Inside and outside of bed.

Yes. Exatamente. Eu sempre fui assim, sempre gostei de me doar. De fazer o melhor por quem quer que estivesse ao meu lado, em convívio sexual ou puramente social. Sempre gostei de buscar a felicidade e o bem-estar para os parceiros de uma relação. Fosse ela social, profissional, afetiva ou sexual.

E, sim, quando eu ouvia falar sobre o assunto ou lia na internet algum relato, me interessava. E via, sim, muitos pontos em comum entre os relatos de ninfomaníacas e minhas próprias vivências. Todos tinham o sexo como vício. Algo muito mais do que uma necessidade fisiológica ou a consumação de um sentimento de amor ou admiração. Ou mesmo a necessidade de poder ou dinheiro, na prostituição.

Mas, no íntimo, eu me perdoava. Pois todos têm os seus vícios. Jogo, álcool, drogas, consumo... O meu era o sexo. E como ele me deixava bem, mesmo quando me fazia mal. O sexo, para mim, era como uma leitura. Só que a leitura de outros corpos, e não de livros.

O sexo me renovava, me aquecia a alma e o corpo. Me fazia viver integralmente minha sensibilidade à flor da pele pelo sentido humano mais vital de todos: o tato.

Assim como os outros quatro sentidos, o tato ocupa função primordial em nossa sobrevivência. Tanto o cego quanto o surdo podem tatear, assim como pessoas com problemas de olfato e paladar. É através do toque que detectamos o mundo ao nosso redor, o seio da mãe que nos alimenta ou um perigo iminente. É o tato também o sentido generalizado do organismo, já que não depende de um órgão específico para existir. Está espalhado pelo corpo todo, pela pele e todos os receptores do organismo, desde os menores até os maiores.

E como eu sabia decifrar o mistério de cada corpo... Conhecia cada curva, cada reentrância ou saliência e cada mistério íntimo dos que amei. Para isso, não economizava nos toques, nas lambidas, beijos ou chupadas. E algumas mordidinhas, também, de vez em quando. Sim, eu era muito boa nisso. Diria até que uma virtuose. Pois os que desfrutavam da minha sensibilidade jamais reclamaram. Pelo contrário, a louvavam e sempre voltavam, querendo mais.

Na verdade, eu era o outro quando amava. Esquecia de mim por uns instantes, enquanto percorria o mistério do outro corpo. Era tão dedicada nessa tarefa, que arrisco a dizer, era a verdadeira profissional do sexo. Sem fazer sexo por dinheiro, claro. Pois a maior profissional, na minha opinião, é a amadora. A que faz por amor, apenas, e por vocação. A que não se vende por nada, e faz o amor com toda a sua alma e voracidade. Não é à toa que meu primeiro amante me apelidou, apaixonadamente, de Deusa do Amor.

Uma pessoa que se doa muito, segundo o americano, já relatado.

Insaciável (adjetivo frequente com que alguns namorados, rindo, me chamavam).

Fogosa.

Vulcão.

Gulosa.

Furacão na cama.

Até de “bedroom voice” (ou seja, voz de cama), já fui apelidada também. Por outro namorado americano, que, entretanto, jamais cheguei a conhecer pessoalmente, apenas por telefone.

E por aí vai...

CAPÍTULO 2

O DEFEITO FÍSICO

Nasci com uma miopia altíssima, cerca de 10 graus, a chamada miopia degenerativa. Acima de seis a oito graus, a miopia é perigosa pois pode provocar, inclusive, descolamento de retina e levar à cegueira irreversível. Assim, eu não enxergava direito de longe e somente de muito perto conseguia ver. Herança de minha mãe, cuja miopia chegava a tenebrosos 22 graus, cumulado com um estrabismo no olho esquerdo, não tratado na infância. Pobre mamãe.

Eram dois os meus problemas: além de não enxergar direito, tive que aprender a conviver com os óculos fundo de garrafa, durante toda a infância e parte da adolescência, e a reação devastadora que eles causavam nas pessoas próximas. Graças aos óculos, começaram os meus grandes traumas e o enorme muro da baixa autoestima que foi construído ao longo da vida. Quando nem havia ainda sido criado o termo *bullying*, na minha época de garotinha, lá pelos anos 70, eu sofria diariamente com os abusos nas escolas que frequentei. Xingamentos, perseguições, deboches e zombarias.

Eu era a diferente da turma. Da escola. Do prédio. Das festinhas. Da família. Eu e minha mãe. Só que mamãe já era casada, bem casada, por sinal, e era mãe de dois filhos. Aceita e prestigiada socialmente, apesar dos 22 graus de miopia, do estrabismo e de também ostentar os óculos fundo de garrafa.

Eu, não. Eu era a criança feia, rejeitada, apontada, xingada e ridicularizada.

- Quatro-olhos!
- Fundo de garrafa!
- Ceguinha!

E de nada adiantava eu ser simpática ou tentar me aproximar dos colegas. Sofria igual ou pior. Afinal, primeiro eu nem enxergava direito o que estava fazendo, se fosse de longe. O campo de ação era mínimo, por assim dizer, pois de longe não enxergava nada, mesmo com os óculos. Se

estivesse perto dos outros, a única ocasião em que via as coisas melhor, aí era a hora em que sepultava, definitivamente, a autoestima.

- Nossa, você é feia, hein. Sua quatro-olhos.

Eu via as outras coleguinhas, as professoras, os zeladores, as faxineiras, merendeiras e toda a comunidade que me cercava tão bonitos. Eram todos diferentes de mim. Tinham seus olhinhos perfeitos e não precisavam usar aquele adereço tão repugnante como os meus óculos, um acessório sem estética alguma, pesado e contendo vários círculos grossos de vidro dentro de si, que representavam os graus que precisava para enxergar.

Esse ambiente cruel, opressor e hostil, em que eu sempre fui o patinho feio, foi o meu primeiro universo social. Nele eu era automaticamente excluída pelas pessoas, por ser a diferente. E eu, seguindo a manada, me rejeitava mais que os demais. Era uma verdadeira segregada no ambiente escolar e social. Desde criancinha, já conhecia a rejeição e o *bullying* implacáveis.

E a opressão não parou por aí. Um dia, não bastassem os xingamentos e as perseguições, uma colega, de nome Thereza Rachel, me desafiou para um duelo. Me lembro desse dia como se fosse hoje, tamanho o impacto que causou em mim.

Ela se virou para mim, num dia de aula, durante a hora do recreio, no pátio, e me perguntou:

- Quer saber de uma coisa, quatro-olhos? Vou te chamar para uma briga. Aceita?

- Eu? Por quê? Que mal te fiz?

- Você é fundo de garrafa. Feia. Chata. Quero ver numa briga, sem os óculos. Vai perder feio!

- Será? Só brigando mesmo para saber.

Respondi ao desafio na maior calma. Vivia sob tamanha opressão, que já não me alarmava ou me desesperava por qualquer coisa.

- Ah, é? Está me enfrentando? Pois vamos ver. Está marcada a briga para amanhã, aqui no pátio, na hora do recreio.

Fui para casa e fiquei remoendo aquela perseguição. Com uma nova face, ainda mais dura que os xingamentos e agressões verbais costumeiros.

Mas não comentei nada em casa. Nem uma palavra disse para meus pais, e muito menos para meu irmão.

No dia marcado da briga, fui para a escola. Levei meus cadernos, livros, lápis e canetas. E meus óculos. Parecia um dia normal. E eu agia normalmente, sem um pingão de nervosismo. Mas percebia os cochichos e o falatório, como de costume, pois sempre era o alvo do deboche e dos comentários da turma. Nesse dia, aliás, eram maiores ainda pois haveria o duelo.

Na hora marcada, meio-dia, fomos para lá. Eu, Thereza Rachel e a turma toda. Os colegas se agruparam e fizeram um círculo em torno de nós, eu e Thereza Rachel. É claro que a torcida era toda por ela. Líder da turma, e aparentemente perfeita. Não usava óculos nem tinha nenhum defeito físico mais explícito. Só tinha os cabelos encaracolados e bastante desgrenhados, isso eu me lembro. Mas nada que comprometesse sua aparência de criança “normal”.

Fomos para o meio do pátio e começou a briga.

Aí, deu um branco na minha cabeça. Não lembro de mais nada daquele dia, exceto o momento em que Thereza Rachel foi deixada sobre a areia do pátio, deitada e com os longos cabelos ainda mais desgrenhados.

Vários coleguinhas se aproximavam dela e tentavam consolá-la.

Eu só me lembro de mim, abrindo caminho pelo grande círculo que se formou em torno de nós, especialmente em torno dela, deitada, espancada e vencida.

E eu esfregando as mãos para tirar a poeira de cima delas e perguntando:

- Onde estão meus óculos?

Eu os havia deixado sobre o parapeito de uma das janelas do prédio da escola, para poder brigar de igual para igual. Sabia onde os tinha deixado, lógico, mas, agora, que era a vencedora do duelo, logo me acudiram com a informação que precisava.

A partir daquela tarde, os xingamentos e o *bullying* diminuíram muito.

Eu não era mais a quatro-olhos ou a fundo de garrafa, ridicularizada pela escola inteira.

Era a míope que havia derrotado a Thereza Rachel. Era a criança forte e valente que não tinha fugido da briga e tinha vencido.

Descobri, experimentalmente, que podia ter defeito de miopia e ser imperfeita fisicamente. Mas tinha força. E coragem. E energia no corpo para me defender e vencer.

CAPÍTULO 3

A ENTREGA

Dizem que os cegos têm uma sensibilidade exacerbada nos demais sentidos, por conta da deficiência no sentido da visão.

Foi o que aconteceu comigo, voluntaria ou involuntariamente não sei. Compensei no tato o que me faltava em visão. Porém, é importante ressaltar que nem todas as pessoas com visão diminuída necessariamente exacerbam o sentido do tato. Minha mãe, por exemplo, tinha 22 graus de miopia e não era como eu. Nunca foi muito carinhosa e chegada a carinhos e chamegos.

Eu não. Era muito sensível e sensorial. Gostava de ser tocada, beijada e abraçada. E também gostava de tocar, beijar e abraçar. Era aquela pessoa doce e meiga, sempre querendo se aninhar no colo do papai ou da mamãe. Mamãe, que não era muito afeita a agarramentos, às vezes me chamava de pegajosa. Mas papai era como eu. E, por isso, nos identificávamos tanto. Da manhã à noite, bastava ele estar em casa, para nós estarmos sempre juntos, eu no colo dele ou abraçada a ele, no sofá. E eu, juntamente com o apego tátil, também desenvolvi o hábito salutar da leitura, desde pequenininha.

Sim, pois os livros não me rejeitavam. Não me xingavam nem me criticavam pela miopia. Pelo contrário. Junto deles, eu vivia horas de paz e sossego, em que percorria outros universos e aprendia a me transportar para dentro deles.

Afinal, ninguém me aceitava como eu era. Meu defeito físico era por demais evidente e visível para que me tratassem como gente.

A literatura foi meu refúgio. Os estudos, aliás, foram o passaporte para um mundo onde tudo fazia sentido. Eu era estudiosa e gostava de aprender e participar de novos desafios intelectuais.

Quando algo era mais difícil, como as ciências exatas, eu estudava mais e mais, e superava a dificuldade.

Mas minha paixão eram as ciências humanas. Literatura, principalmente.

Nos livros, eu podia conviver com as criaturas que na vida real fugiam de mim e me ridicularizavam. Os livros me aceitavam e eu os amava. E ia além: convivía também com seres dotados de grandeza e magnanimidade, ou mesmo de magia. Com os livros, fugia da mediocridade reinante, que castiga o diferente e somente aceita o igualzinho.

E, assim, eu era feliz do meu jeito. Com minha família, pai, mãe e irmão, e meus livros. A leitura era tão importante para mim que, um dia, li uma frase que me marcou para sempre:

Quando se gosta de ler, a leitura sodomiza.

Era exatamente assim que eu me sentia e sempre me senti, durante o ato de ler. Sodomizada, raptada, seduzida. Em estado de entrega total.

Essa entrega aos livros me fazia progredir intelectualmente e sensorialmente. De tanto desenvolver a imaginação pela leitura, vivia vicariamente o que não conseguia, nem podia, viver na vida real.

Conquistava mundos e pessoas desconhecidos. Viajava por horizontes alheios a minha realidade e me questionava a todo momento. Com os livros, conhecia pessoas que me eram inacessíveis fisicamente. Afinal, quem queria ser amigo de uma quatro-olhos? Do patinho feio? Só mesmo os livros.

Minha mãe vivia me alertando:

- Menina, larga esses livros. Vai piorar sua miopia!

E o meu pai:

- Deixa ela, mulher. Isso vai torná-la muito inteligente.

E eu não discutia. Se abandonava algum livro para agradar minha mãe, daqui a dez minutos voltava a ele, curiosa. Passava horas em casa entretida com a leitura e, assim, era feliz nesse meu mundinho particular e isolado das outras crianças.